

O BASTEAMENTO IDEOLÓGICO E O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO-ASSUJEITAMENTO¹

Fabio Tfouni²

Resumo: Este trabalho realiza uma aproximação entre a análise do discurso e a psicanálise, cotejando o assujeitamento aos mecanismos de identificação, aqui denominados processos de identificação-assujeitamento. Relacionamos os conceitos de formação discursiva e significante-mestre (psicanálise), e também os conceitos de traço unário e ideal do eu à identificação. A entrada do sujeito na linguagem ocorre a partir de sua identificação a um ideal do eu que servirá de significante mestre, e inscreverá o sujeito numa formação discursiva determinada, ao mesmo tempo o significante confere ao sujeito sua singularidade. Obtivemos uma nova compreensão da identificação na AD, bem como do “bom sujeito” e do “mau sujeito”.

Palavras-chave: Basteamento ideológico. Identificação. Assujeitamento. Significante mestre.

IDEOLOGICAL QUITTING AND THE PROCESS OF IDENTIFICATION-SUBJECTION

Abstract: This work carries out an approach between discourse analysis and psychoanalysis, comparing the subjection to the mechanisms of identification, here called processes of subjection-identification. We relate the concepts of discursive and signifier-master formation (psychoanalysis), as well as the concepts of the unary and ideal trait of self to identification. The entry of the subject into language occurs from his identification with an ideal of the self that will serve as a signifier master, and will inscribe the subject in a given discursive formation, at the same time the signifier gives the subject its singularity. We have gained a new understanding of identification in AD as well as of the “good subject” and the “bad subject.”

Key-words: Ideological quilting. Identification. Subjection. Master signifier.

¹ Este trabalho é resultado de projeto de Pós-doutorado (TFOUNI, F. E. V, 2018) desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) sob supervisão da Profa. Dra. Evandra Grigoletto.

² Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Pós doutorado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL □ UNICAMP) e pós-doutorado no PPGL da UFPE. Professor associado da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: fabiotfouni@hotmail.com

O campo da análise do discurso (doravante AD) é constituído pela aproximação de diferentes áreas do conhecimento, como a linguística, o marxismo e a psicanálise. Pêcheux e Fuchs (1993) afirmam isso ao comentarem o quadro epistemológico da AD:

(ele) reside, a nosso ver, na articulação de três regiões do conhecimento científico:

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica).

(PECHEUX e FUCHS, 1993, p. 164).

Na história da AD, diversos trabalhos têm trabalhado essa aproximação entre a AD e a psicanálise, entre eles os de Mariani (2006), Magalhães e Mariani (2010), Leite (1994), e Tfouni e Laureano (2005),

Neste trabalho, pretendemos estabelecer uma aproximação entre a análise do discurso (AD) e a psicanálise de Freud e Lacan explorando os conceitos de formação discursiva (FD) e significante-mestre, tendo em vista a questão da identificação.

A relevância desta discussão deve-se ao fato de que se pode dizer que a entrada do sujeito no aparelho da linguagem se dá a partir de sua identificação a um ideal que servirá de significante mestre para o sujeito, inscrevendo-o numa formação discursiva determinada. Por isso, a relação entre significante mestre e ideal do eu é importante. Acreditamos que isso pode contribuir para um aprofundamento da compreensão teórica bem como do dispositivo analítico da Análise do discurso.

Colocamos acima os pontos que nortearão o desenvolvimento deste artigo. São eles: o significante

mestre, o ideal do eu e a identificação. Vale dizer que abordaremos também, resumidamente, os conceitos de traço unário e ideal do eu. A seguir, examinaremos em maior detalhe cada um deles.

Iniciamos pelo conceito de identificação em Pêcheux:

Pêcheux formulou três modalidades de identificação: a) identificação, relativa ao assim chamado por Pêcheux de bom sujeito, b) contraidentificação, correlacionada ao “mau sujeito” e c) desidentificação. Vejamos como o autor aborda essas modalidades:

A primeira modalidade (Identificação) consiste numa superposição (um recobrimento) entre o *sujeito da enunciação* e o *sujeito universal*, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “*livre consentimento*”: essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito”, que reflete espontaneamente o Sujeito (PÉCHEUX, 1995, p. 215).

A segunda modalidade caracteriza o discurso do “mau sujeito”, o discurso no qual o *sujeito da enunciação* “se volta” contra o *sujeito universal* por meio de uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação revolta...) pela negação, revertida a seu próprio terreno. (PÉCHEUX, 1995, p. 215)

Pêcheux define a desidentificação:

O funcionamento dessa “terceira modalidade” constitui um *trabalho* (transformação deslocamento) da *forma-sujeito* e não sua pura e simples *anulação*. Em outros termos esse efeito de desidentificação se realiza paradoxalmente por um *processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos e de identificação com as organizações políticas de “tipo novo*”. A ideologia [...] não desaparece; ao contrário, funciona de certo modo *às avessas*, isto é, *sobre e contra si mesma*, através do “desarranjo-rearranjo” do complexo das formações ideológicas (e das formações discursivas que se encontram intrincadas nesse processo). (PÉCHEUX, 1995, p. 217-218)

Em resumo, na primeira modalidade o sujeito identifica-se plenamente com a forma sujeito, e o assujeitamento é completo. Por outro lado, na segunda modalidade (contra-identificação), o

sujeito questiona alguns pontos da ideologia, mas não rompe com ela - continua inscrito na mesma FD.

De acordo com Grigoletto (2005), há um processo na desidentificação que dá ao sujeito a possibilidade de romper com a FD à qual estava filiado para inscrever-se em outra formação discursiva. Portanto, há uma mudança forte de posição que vai além de questionamentos pontuais, o que diferencia substancialmente a segunda e a terceira modalidades. Segundo afirmação da autora:

... nessa terceira modalidade, diferente da primeira e da segunda, o sujeito, ao se relacionar com a forma-sujeito que o domina, produz um movimento de desidentificação, o que significa que ele pode romper com a Formação Discursiva em que se inscreveu e, conseqüentemente, se identificar com outra FD e sua respectiva forma-sujeito (GRIGOLETTO, 2005, p. 3-4).

Para tratar da relação entre os conceitos de identificação e de significante mestre, iniciamos retomando parte da discussão feita anteriormente segundo a qual o sujeito não nasce pronto, mas sim passa por um processo de estruturação no qual o mecanismo da identificação tem papel fundamental. Ocorre que a identificação é também o processo de assujeitamento ideológico de uma entidade pré-subjetiva que funciona através da captura dessa entidade pela linguagem produzindo o sujeito. O processo acima pode ser chamado de processo de identificação-assujeitamento. Com relação a isso, em trabalho anterior afirmamos:

Podemos tomar como ponto de partida a afirmação de Pêcheux segundo a qual a interpelação do sujeito se dá através da identificação do sujeito com a formação discursiva: "... a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina." (PÊCHEUX, 1995, p. 214). (TFOUNI, F. E. V, no prelo sem data)

Embora comumente trabalhemos a identificação como uma relação ao outro, também

podemos afirmar que a identificação é um processo que se dá na linguagem: a identificação é uma identificação significante.

No trecho a seguir, Pêcheux aponta como o sujeito é capturado pelo significante e, por isso, é efeito de linguagem: "O significante, isto é, aquilo que representa o sujeito para outro significante [...] trata do sujeito como processo (de representação) dentro do não-sujeito constituído pela rede de significantes, no sentido de Lacan: o sujeito é captado nessa rede". (PÊCHEUX 1999, p. 151)

No ensino inicial de Lacan, o papel do significante mestre nesse processo de identificação-assujeitamento é primordial, uma vez que o sujeito se identifica com um significante mestre ao qual se aliena e é introduzido na linguagem e na ideologia. O significante mestre é aquele que começa a cadeia de significantes da qual o sujeito é efeito, e funciona também como gerador e organizador de sentidos. Afirma Dias (2009, p. 1): "Até este ponto, no ensino lacaniano, o significante mestre é o ordenador e gera sentido e significação. Na operação de alienação o sentido é atribuído a partir da identificação com o significante mestre".

Nesse processo de identificação existe uma relação entre a captura do sujeito pelo significante e o ideal do eu, instância psíquica que surge juntamente com o superego ao final do complexo de Édipo (ao final deste texto retomaremos a questão do ideal do eu). Sobre essa instância Freud afirma: "Nós a chamamos de 'ideal do Eu' e lhe atribuímos funções como auto-observação, consciência moral, censura do sonho e principal influência na repressão". (FREUD, 2011, p. 67-68). Essa noção moral do que é certo e do que errado vem de fora, e é introjetada juntamente com a lei e com a interdição. Nesse ponto o sujeito passa a aspirar ser como outro, mas também aspira a ideais, como os de "paz", "justiça" e etc. Miller fala sobre o ideal do eu:

Lacan soube extrair do texto de Freud a diferença entre o eu ideal, que grafou como i , e o ideal do eu I . No nível desse I , vocês não têm nenhuma dificuldade de introduzir o social. Podem, perfeita e legitimamente, interpretar o ideal do eu como uma função social e ideológica (MILLER, apud ZIZEK, 1992, p. 109).

Aqui temos uma ligação do significante com a identificação e, portanto, com a ideologia. A ideologia não se instala no sujeito sem a identificação, por isso temos chamado esse processo de identificação-assujeitamento. Em função dessa observação retornamos à proposta de interface entre os conceitos de formação discursiva e significante mestre. A aproximação entre esses conceitos é operada por nós a partir de uma leitura do trabalho de Žižek (1992), no qual este autor realiza uma “leitura política” do gráfico do desejo (conferir abaixo) lacaniano, trabalhando também as noções de bastreamento ideológico e de significante mestre. Sendo aquele que inicia uma cadeia, o significante mestre é escrito como S_1 . De modo que uma cadeia é geralmente representada do seguinte modo:

$S_1 \ S_2 \ S_3 \ S_n$

Como representada acima, a cadeia possui a linearidade e a unidimensionalidade propostas por Saussure, na medida em que ela se desenrola sempre para frente. O gráfico do desejo lacaniano (Fig. 1), em sua célula elementar representa esse fluxo, mas inclui um segundo eixo, que funciona por retroação e, em dado momento, surge no fluxo um significante que ordena os outros, agindo como ponto de basta (ponto de estofa). Esse ponto amarra os significantes, dando-lhes sentido. Essa amarração também consiste no ponto de captura do sujeito. É a isso que Pêcheux (1999, p. 151) se

refere na citação acima, afirmando que “o sujeito é captado nessa rede”.

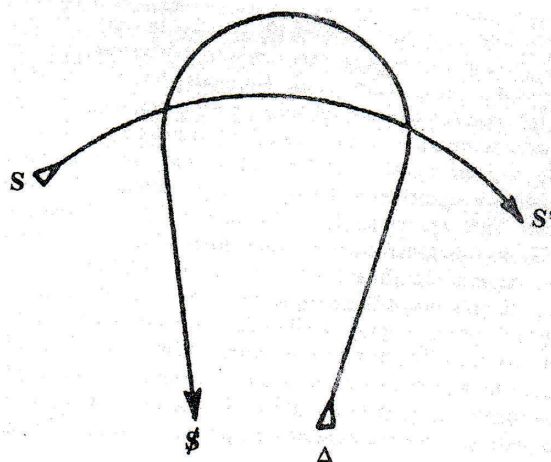


Figura 1: célula elementar do grafo do desejo.

(Fonte: Žižek, 1992, p. 99)

Nessa amarração reside a importância do significante mestre aqui, de modo que os outros significantes da cadeia terão seu sentido delimitado a partir do significante mestre. Para esclarecer melhor, apresentamos um trecho de Žižek:

Para apreender isso claramente, basta simplesmente nos lembrarmos do funcionamento do bastreamento ideológico: num espaço ideológico flutuam significantes como “liberdade”, “Estado”, “justiça” “paz” etc., e depois sua cadeia é suplantada por um significante-mestre (“comunismo”, por exemplo) que lhes determina retroativamente a significação [...] (o bastreamento democrático e liberal produziria, evidentemente, uma articulação de significantes totalmente diferente, e o bastreamento conservador, uma significação oposta aos dois campos precedentes). (ZIZEK, 1992, pp. 100-101)

Na representação anterior ($S_1 \ S_2 \ S_3 \ S_n$), o S_1 é apresentado como primeiro da cadeia; no grafo do desejo, na medida em que retroage, ele não é o primeiro. Essa aparente contradição funciona assim: Antes da entrada do significante mestre já existe linguagem, mas os significantes estão dispersos, não estão amarrados ou ordenados. A entrada do significante mestre ordena todos os

outros. Sua retroação organiza significantes que estavam soltos anteriormente.

Tomando como referência a discussão de Žižek (1992), propusemos (TFOUNI, F. E. V, No prelo, sem data), então, que o conceito de significante mestre se aproxima do conceito de formação discursiva: “Em termos discursivos, o que Žižek está afirmando é que uma palavra só ganha sentido dentro de uma determinada formação discursiva, como afirmam Pêcheux e Fuchs (1993). Nenhuma palavra tem sentido prévio, essencial ou pré-estabelecido”³.

A formação discursiva consiste naquilo que pode ou não ser dito dentro de uma posição ideológica dada. Conforme os autores: “formações discursivas [...] determinam o que pode de deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura” (Pêcheux e Fuchs, 1993, p. 166).

Uma vez que o significante mestre funciona como gerador de sentido e interpretante, podemos dizer também que o modo com o qual um significante será interpretado dependerá da formação discursiva na qual o sujeito lê (interpreta) esse significante. O exemplo de Žižek (acima) sobre o termo “liberdade” esclarece isso.

O termo bastamento ideológico se refere ao ponto de basta (ponto de estofo) na teoria lacaniana. Um significante intervém na cadeia metonímica realizando uma metáfora, detendo a cadeia e gerando sentido. Na versão em Inglês da obra de Žižek (ver Žižek, 2008), o termo bastamento não existe. Lá o termo usado é “quilting” que significa amarração. Esse é mais um motivo para trabalharmos em português com os termos amarração e ponto de estofo, e deixar o bastamento de lado.

Na teoria lacaniana, assim como em Saussure, a cadeia da fala vai “sempre em frente” e nunca

3 Pêcheux e Fuchs também afirmam: “na realidade afirmamos que o sentido de sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p. 169).

retroage; é uma cadeia metonímica. Lacan indica que no deslizamento metonímico existe sempre uma perda de sentido. Na discussão aqui empreendida, podemos pensar essa perda de sentido a partir da impossibilidade de interpretarmos um significante sem outro que detenha a cadeia e realize a amarração ou ponto de estofo, que é realizada pelo segundo eixo, o eixo metafórico. Com a metáfora, temos um ganho de sentido e podemos interpretar o sentido de um significante. Por isso, a metáfora na teoria lacaniana requer sempre dois significantes no mínimo. Novamente, lembramos que é entre esses dois significantes que captamos o sujeito. No enunciado abaixo (SD1), não entenderíamos, o sentido de “sexo” sem o significante liberal. Passemos, então, à nossa análise.

O enunciado analisado ocorre no interior de uma matéria de capa da revista *Veja*, edição 2308, ano 46, Nº 07 de 13 de fevereiro de 2013. O objeto da matéria é o aplicativo “Bang with Friends” cujo objetivo é aproximar amigos dispostos a fazer sexo uns com os outros. O aplicativo é tratado como uma “revolução sexual e comportamental” na capa da revista. Ao longo da matéria, são questionadas as práticas sexuais tradicionais, que poderiam, inclusive, estar em extinção.

SD1 “Somos uma geração que pensa no sexo de forma liberal”

(Fonte: revista *Veja*, edição 2308, ano 46, Nº 07, de 13 de fevereiro de 2013, p. 68)

No enunciado, o sujeito se coloca como filiado a uma ideologia liberal, e é a partir dessa formação ideológica que ela dá sentido ao significante “sexo”. Então podemos dizer que significante “liberal” funciona como significante mestre ou ponto de basta, amarrando o significante “sexo” e funcionando como gerador de sentido.

Quando discutem a relação entre formações ideológicas e formações discursivas, Pêcheux e Fuchs afirmam: “[...] cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e

representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p. 166)

Anteriormente, nos limitamos à célula elementar do grafo do desejo em nossa análise, porém, Žizek (1992) vai além dela no tratamento que dá à ideologia a partir do gráfico do desejo, a saber: no nível elementar, ele trabalha com os conceitos de identificação imaginária e identificação simbólica, porém, no nível superior do gráfico entra em cena um resto (o real que esburaca o simbólico) que as identificações simbólica e imaginária não conseguem trabalhar. Vejamos:

O problema reside apenas no fato de que essa “quadratura do círculo” da interpelação, esse movimento circular entre a identificação simbólica e a identificação imaginária, nunca se dá sem um certo resto. Depois de cada bastamento da cadeia significante, que fixa retroativamente seu sentido, resta sempre um certo hiato, uma abertura que se expressa, na terceira forma do gráfico pela famosa pergunta “Che vuoi?” – “você está me dizendo isso, mas que quer fazer, aonde quer chegar?” (ŽIZEK, 1992, p. 109).

A pergunta “Che vuoi?”, (Fig. 2) presente na terceira forma do grafo do desejo (segundo Žizek, 1992), indica uma falha do simbólico e das identificações de darem conta do real do desejo, ao perguntar ao sujeito se é isso que ele realmente quer. Isso pode significar no nível político que nenhum discurso ou ideologia pode canalizar, obturar ou domesticar completamente o desejo, e que o desejo é uma abertura para o movimento dos sujeitos. Os sujeitos podem se contra identificar ou se desidentificar, podem mudar de posição. No entanto, sempre haverá uma insatisfação subjetiva que nenhum discurso consegue tamponar para sempre.

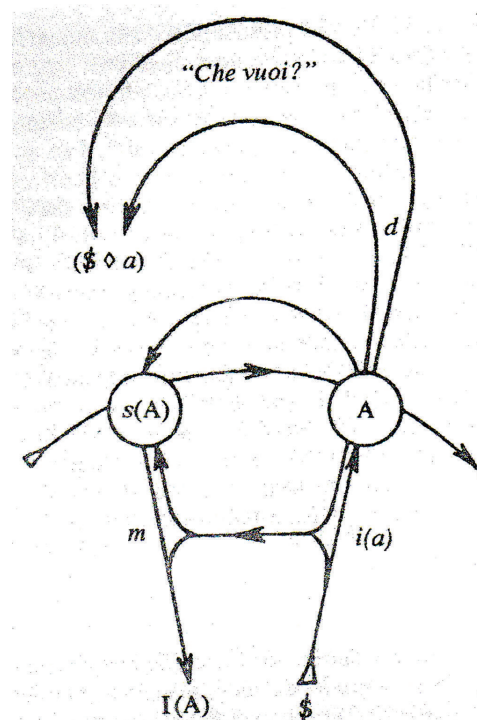


Figura 2: Grafo do desejo: (terceira forma)

(Fonte: Žizek, 1992, p. 110)

No momento da entrada da linguagem no sujeito, o significante assujeita a entidade pré-subjetiva, porém, nesse mesmo movimento, deixa no sujeito uma marca, que é única, estruturando o paradoxo de o S1, ser ao mesmo tempo o significante mestre e o traço unário. O processo de identificação-assujeitamento deixa espaço ao sujeito para que ele seja “ele mesmo”, que não dependa do Outro, por isso é paradoxal. O trecho abaixo permite compreender como o traço unário (S1) é o suporte da identidade, na medida em que ele é um traço que distingue o sujeito dos demais.

Ao retomar a questão das identificações depois de Freud, Lacan propõe o conceito de traço unário derivado do que Freud propõe em Psicologia das massas e análise do eu como Einziger Zug. Ao propor essa noção Lacan pretende sinalizar para o que há de radicalmente único no sujeito, o traço unário é pura diferença (Taillandier, 1994, p.20) marca o lugar singular do sujeito no campo da linguagem, é aquilo pelo qual cada um pode ser “um”, suporte da marca da singularidade, a um só tempo é sinal de identidade e da própria diferença (Lacan, 2003, p.69) (SOUZA; DANZIATO, 2014. p. 55).

Apontamos acima que, na teoria lacaniana, o S1 também representa o traço unário, e não apenas o significante mestre. Enquanto o significante mestre representa uma alienação do sujeito à linguagem e ao discurso do Outro, o traço unário é aquilo que faz do sujeito “ele mesmo”. Assim, o conceito de S1 seria aparentemente paradoxal⁴, por ser aquilo que laça os sujeitos a outros sujeitos e, ao mesmo tempo, aquilo que os faz únicos.

Fingerman (2018), comentando sobre a questão da identificação no trabalho de Nominé afirma: “Bernard Nominé aborda aqui o problema da identidade em sua articulação fundamental e paradoxal com a identificação” (p. 13). Este último comentário indica que, juntamente com os processos de identificação, podemos trabalhar a questão da identidade. O paradoxo apontado se refere ao fato de que a identificação é um processo no qual a estruturação do sujeito se realiza a partir a incorporação ou introjeção de traços do outro. Se o eu se estrutura a partir do outro, então como é possível a singularidade do sujeito? A resposta é a que indicamos acima: a entrada da linguagem no sujeito, ao mesmo tempo em que o assujeita, deixa nele uma marca única.

É preciso abordar uma questão acerca do conceito de identidade, tanto em AD como na psicanálise: Soler (2018) comenta que na psicanálise lacaniana se trabalha muito o conceito de identificação, mas não o de identidade. A autora afirma haver uma “reserva” (SOLER, 2018, p. 14) em relação ao termo, bem como uma falta de simpatia: “E é bem sensível que muitas vezes os analistas não lhe tenham simpatia...” (SOLER, 2018, p. 14).

O problema é que conceitos como indivíduo e pessoa seriam por demais sociológicos ou psicológicos, tanto para a AD como para a Psicanálise, de modo que ambas as teorias

se refinaram para evitar o sociologismo e o psicologismo. Existe também o risco de cairmos em teorias psicológicas contrárias à AD e à psicanálise. Na psicologia temos conceitos como o de pessoa, personalidade e outros; bem como, visões essencialistas sobre o sujeito e até teorias que expulsam o sujeito da teorização (behaviorismo). Porém, o trabalho de Soler indica que é possível tratar da identidade sem cair no sociologismo nem no psicologismo.

Soler afirma que o conceito de inconsciente da teoria freudiana realiza uma “subversão da noção clássica de sujeito” (SOLER, 2018, p. 24), e também que a noção lacaniana de sujeito dividido se opõe “ao sujeito da consciência psicológica e ao sujeito da filosofia, que não é pensado como um sujeito dividido” (SOLER, 2018, p. 24). A AD, por sua vez, vê no conceito de sujeito uma evidência ideológica, a qual seria necessário questionar, a partir dos trabalhos de Althusser retomados por Pêcheux.

Posteriormente, a autora pondera que o tratamento da identificação em psicanálise trabalha justamente a questão da identidade: “Certamente a palavra em voga na psicanálise é identificação, mas qual é a função ou visada de uma identificação, seja ela qual for, se não para assegurar a identidade?” (SOLER, 2018, p. 15). Ou seja: abordar o conceito de identificação é o caminho que se pode trilhar a fim de se compreender a questão da identidade e da singularidade do sujeito.

Para trabalhar essa questão do sujeito de da identificação, pensamos, por exemplo, no enunciado: “Somos uma geração que pensa no sexo de forma liberal” (SD1). Se *liberal* é o significante que basteia o significante *sexo*, o sujeito está filiado ao discurso liberal, porém, o sujeito pode, posteriormente, questionar: “Isso é realmente liberdade?”. Então, para além da identificação coletiva que aglutina os sujeitos em torno de liberal, existe um resto “Che vuoi” que pode ter relação com o traço

⁴ Na psicanálise, o inconsciente não obedece ao contraditório da lógica formal.

unário, que distingue os sujeitos dos demais, e permite a movimentação desse sujeito para outro discurso, em busca de um sentido mais apropriado para liberdade, que o bastaria ideologicamente. Reiteramos, com base nessa argumentação, que o significativo é pura diferença, vai sempre existir um resto não simbolizado. Ao se movimentar, o sujeito pode mudar de discurso, mas não abandonar o campo da ideologia. Pode trocar uma formação ideológica por outra, sem sair do campo ideológico. Diríamos que é nessa linha que trabalha Pêcheux, ao falar da questão da reprodução/transformação. Sempre existe espaço para o sujeito se movimentar, mas nunca para cair fora da ideologia.

No enunciado “Somos uma geração que pensa no sexo de forma liberal” (SD1), existem outros significantes que poderiam funcionar como significantes mestres, além de “liberal”, portanto, o significante “sexo” pode ocorrer em outras formações discursivas. O sujeito que se questiona em relação à sua identificação a esse enunciado pode se mover, experimentando um momento de liberdade, para logo em seguida, se filiar a outra posição/formação discursiva, caindo em um novo assujeitamento. Podemos ter como paráfrases desse enunciado: “Sexo só dentro do casamento” ou “Sexo apenas para procriação” então, a amarração da cadeia, o ponto de estofa (ou bastamento ideológico), seria realizado por outros significantes.

Em “Semântica e discurso” (PÊCHEUX, 1995) e também em “O mecanismo do desconhecimento ideológico” (PÊCHEUX, 1999), Pêcheux trabalha a questão da ideologia e do assujeitamento a partir do par reprodução/transformação. Além disso, no trabalho “Só há causa daquilo que falha”, Pêcheux (1995) comenta que o assujeitamento não é total nem sem falhas; que existem “brechas” que podem levar o discurso para outro lugar, como os lapsos, atos falhos, chistes e etc. Consideramos a possibilidade de se incluir a deriva dos sentidos nessa lista, visto que

ela consiste em uma interpretação que foge do *script*, na medida em que a dispersão supostamente controlada pelo enunciador não é suficiente para impedir que a enunciação caminhe para outros sentidos ou discursos, e, mesmo que se considere isso um “erro”, justamente esse erro é que dá a possibilidade de levar o dito para um lugar não esperado pelo discurso e pela interpelação. Pêcheux afirma que:

... apreender até seu limite máximo a interpelação ideológica como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas, “uma palavra por outra é a definição de metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estiliza no lapso (PÊCHEUX, 1995, p. 300-301, grifo do autor).

Para trabalhar um pouco mais a questão da amarração e da formação discursiva, relacionado à possibilidade de movimento do sujeito, talvez seja interessante observarmos a diferença entre identificação imaginária e identificação simbólica:

É imaginária a identificação que faz sentido para o sujeito, é simbólica a identificação que opera no sujeito. Ambas provêm do exterior, por isso dizemos que são oferecidas. Mas, se a primeira é aparentemente total como a imagem devolvida pelo espelho, a segunda será sempre falta, hiância, abertura para significância, no sentido de que um traço é repetidamente substituído, mas o que causa essa substitutibilidade é a vacância, a falta. (D’AGORD, 2006, apud SOUZA E DANZIATO, 2014. p. 57)

Estendendo a citação acima para nossa discussão, vemos que, no deslizar dos sentidos e dos significantes, tanto em Pêcheux como na psicanálise, o significante permite ao sujeito espaço de movimentação. Não existe resposta ao “Che vuoi?”, mas é justamente devido a essa opacidade que o sujeito pode se mover, deslizar nos sentidos.

A pergunta que o desejo do Outro coloca e que chega para o sujeito neste formato do ‘Que queres?’, ou ainda ‘Que queres de mim?’, não encontra resposta, por isso Lacan afirma que não existe significante que dê conta de responder a essa questão. (ALMEIDA, 2010, p. 100)

A discussão empreendida sobre o S1 simultaneamente como significante mestre e traço unário, indica que, ao mesmo tempo em que a entrada de S1 produz o assujeitamento, produz também algo que é próprio do sujeito e que, por isso, pode permitir a ele algum escape em relação ao assujeitamento ou, ao menos, um movimento de busca, uma errância do sujeito e dos sentidos em torno da questão “Che Vuoi?”.

É a partir do assujeitamento que o sujeito vai encontrar um lugar próprio. Deste ponto de vista, o assujeitamento possui um aspecto positivo; não é totalmente negativo. A entrada no aparelho da linguagem pelo sujeito e a interdição (TFOUNI, F. E. V, 2008), que lhe é correlata, não remetem a apenas uma proibição, mas têm caráter positivo e fundador abrindo todo o campo do possível (TFOUNI, F. E. V, 2006, 2008). Finalizando, é importante assinalar uma aproximação entre as modalidades de identificação em Pêcheux, o ideal do eu e a questão do olhar em psicanálise. Para isso, trazemos um trecho de Nominé:

Esse significante ideal é o que indica ao sujeito, muito cedo na sua vida, o que ele deve ser para responder aos critérios do amor do Outro. [...] aquilo que o sujeito tem de interiorizar é, em primeiro lugar, o olhar do Outro. Esse olhar do Outro é, depois, algo que faz signo ao sujeito sobre o modo em que o outro lhe olha: Com bons olhos ou maus olhos (NOMINÉ, 2018, p. 27).

Comentando a observação de Nominé, entendemos que a questão olhar pode contribuir para compreendermos as formas de identificação na AD. Como vimos anteriormente, ao descrever as três modalidades de identificação, Pêcheux denomina o sujeito da primeira modalidade (identificação) de “bom sujeito”, pois seria aquele que estaria plenamente assujeitado ao Sujeito Universal; já o sujeito da segunda modalidade, a contra-identificação, é denominado “mau sujeito”.

As noções de “bom” e “mau” sujeito indicam que ele estaria submetido a um olhar julgador (do Outro) que categorizaria esse sujeito como bom ou mau. Lembramos que uma das atribuições do ideal de eu, segundo Freud, é a da auto-observação (ver citação de Freud no início deste trabalho). Se ele está plenamente submetido à formação discursiva, então ele é um bom sujeito, se não, ele é um mau sujeito. A questão aqui é que o sujeito precisa ser visto pelo Outro como merecedor de amor, depois esse olhar se apaga (se recalca, se interioriza), ao final que o próprio sujeito pode sustentar para si mesmo esse olhar de amor.

É um momento estrutural que descreve a relação entre o olhar como objeto real e a significação de amor que toma seu lugar e que guia o sujeito no que deve ser para ser amado. O olhar como objeto real desaparece atrás do signo e o signo se interioriza. Quer dizer que o sujeito já não tem necessidade de ser olhado pelo Outro porque interiorizou esse olhar pela forma desse signo que participa da construção de seu ideal de eu (NOMINÉ, 2018, p. 28).

A interiorização do olhar pelo sujeito e o seu recalçamento, portanto, é que permitem ao sujeito realizar sozinho a sua sujeição, como afirma Althusser (1999). É na medida em que o olhar do outro é interiorizado e assimilado que eu “controlo a mim mesmo” sem necessidade de intermediários. Por isso, o ideal do Eu é muito próximo ao superego. Ao mesmo, tempo pode permitir uma inflexão do sujeito, já que o olhar virou signo e é signo enquanto interiorizado (singularizado).

Dando sequência à discussão sobre o olhar e relacionando-a com a questão da identificação e da formação discursiva na teoria pecheutiana, podemos afirmar que: Na modalidade 1 de Pêcheux - a identificação - o sujeito é olhado pelo Outro e reconhecido como merecedor de amor. Na modalidade 2 - a contraidentificação - o sujeito também é olhado pelo outro, porém, como o sujeito rejeita aspectos pontuais desse Outro,

podemos dizer que existe um olhar do sujeito em direção ao Outro também. Em outras palavras, o sujeito busca ser visto como merecedor de amor, mas, ao mesmo tempo lança um olhar crítico ao Outro que ele ama. Na terceira modalidade de Pêcheux, - a desidentificação - o sujeito realiza uma crítica radical do Outro (da formação discursiva que ocupa, para mudar de posição), então ele não ama mais aquele Outro, nem deseja mais ser amado por ele, por isso, o sujeito busca um Outro para amá-lo e ao qual irá se filiar, ou seja: ocupará uma nova formação discursiva e ideológica.

Podemos pensar em uma situação hipotética, na qual em uma reunião de adeptos da sexualidade liberal, um sujeito profere o enunciado: “Sexo apenas dentro do casamento”. Os colegas provavelmente o olharão com maus olhos e, por isso, ele poderá ser categorizado como um “mau sujeito”, pois o olhar crítico do sujeito desperta também um olhar de censura do Outro que é sustentado pelo grupo.

De um ponto de vista Foucaultiano (FOUCAULT, 2003), diríamos que o sujeito não respeitou a ordem do discurso, que não atentou para as regras de formação dos enunciados, para aquilo que se pode ou não dizer em um determinado contexto. Ou seja, não respeitou a formação discursiva à qual o grupo se filia.

Considerações Finais

Afirmamos abaixo, algumas conclusões a partir da discussão teórica e da análise realizada. Vejamos:

a) É possível uma articulação entre os conceitos de formação discursiva (AD) e significante mestre (Psicanálise).

b) O conceito de significante mestre é operacional no bojo da AD, permitindo que se realizem análises a partir deste conceito dentro da AD.

c) Em contrapartida, o conceito de formação discursiva também pode ser operante no campo da psicanálise.

d) É possível tratar o conceito de identidade, sem cair em psicologismos ou sociologismo, e não apenas o conceito de identificação nos campos da AD e da psicanálise.

e) O S1, que além de significante mestre é traço unário, pode ser um caminho para tratar a questão da identidade numa interface entre a AD e a psicanálise.

f) O traço unário, enquanto aquilo que o sujeito tem de próprio, pode ser um caminho para se abordar a questão da identidade.

g) O conceito de traço unário pode ser operante na psicanálise.

h) Foi possível rever as três formas de identificação propostas Pêcheux a partir dos conceitos abordados.

i) Pudemos também afirmar que o assujeitamento possui um papel positivo - e não apenas negativo - na estruturação do sujeito.

Concluimos afirmando que abordar o conceito de identificação juntamente com o de traço unário é importante por permitir que se compreenda que o sujeito possui uma singularidade, algo que lhe é próprio. Consideramos essa questão da singularidade como uma porta de entrada na teoria psicanalítica para abordar a questão da identidade do sujeito, o que permite compreender melhor o conceito de sujeito e as implicações disso para a AD.

Referências

- ALMEIDA, F. G. M. de. *Falo, objeto a e fantasia: contribuições de Jacques Lacan na clínica com crianças*. Dissertação (Mestrado em Psicologia)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. 117 f. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=16154@1>>. Acesso em 01. out. 2019.
- ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ZIZEK, S. (Org.): *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto. 1a reimpressão, 1999.
- DIAS, S. O significante é uma palavra mestra? In: IV Congresso Internacional de Convergência, movimento lacaniano para a psicanálise freudiana, Buenos Aires, 2009. Disponível em: <<http://www.espacopsicanalise.com.br/significante.html>>. Acesso em 25 abr. 2019.
- FINGERMAN, D. T. Prefácio. In: NOMINÉ, B. *Sobre identidade e identificações: conferências (2014-2015)*. São Paulo: Blucher, 2018.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos [1920-1923]* (Obras completas volume 15). São Paulo: Companhia das Letras. 2011.
- GRIGOLETTO, E. A noção de sujeito em Pêcheux: Uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. *Estudos da Linguagem*. No 1, Vitória da conquista, Jun. 2005, p. 61-67. Disponível em: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/978>>. Acesso em 10. out./2019.
- LEITE, N. *Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.
- MAGALHÃES, B; MARIANI, B. Processos de subjetivação e Identificação: ideologia e Inconsciente. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S15186322010000200008&lng=en&nr=iso&tlng=pt> Acesso em 09.out.2019.
- MARIANI, B. (org.) *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise*. São Carlos: Clara Luz. 2006.
- NOMINÉ, B. *Sobre identidade e identificações: conferências (2014-2015)*. São Paulo: Blucher, 2018.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993, p.163-252.
- PÊCHEUX, M. [1975] *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2ª ed., Tradução: Eni P. Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 1995.
- _____. O mecanismo do desconhecimento ideológico. In: ŽIŽEK, S. (Org.). *Um mapa da ideologia*. . 1. reimpr. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- SOLER, C. *Rumo à identidade*. São Paulo: Aller. 2018.
- SOUZA, L. B. de; DANZIATO, L. J. B. Das relações entre identificação e nomeação: o sujeito e o significante. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, 14(1): 53-61, abril. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/3304>>. Acesso em 02. out. 2019.
- TFOUNI, F. E. V. (2006). O interdito como fundador do discurso. *Letras & Letras*, 22 (1), 127-137.
- _____. (2008). O interdito e o silêncio: duas abordagens do impossível na linguagem. *Linguagem em (Dis)curso*, 8 (2), 353-371.
- _____. Ideologia, identidade e identificação na mídia: Uma abordagem discursiva. Projeto de Pós-doutorado. 2018.

_____. Identificação e assujeitamento no discurso midiático. Sem data, no prelo.

TFOUNI, L. V.; LAUREANO, M. M. Entre a Análise do Discurso e a Psicanálise, a Verdade do Sujeito — Análise de Narrativas Orais. *Revista investigações*. UFPE, Vol 18. No 2. 2005.

ZIZEK, S. *Eles não sabem o que fazem*: o sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

ZIZEK, S. *The sublime object of ideology*. Londres: Verso, 2008.

Submissão: 24 de outubro de 2019.

Aceite: 12 de novembro de 2019.